

Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão*

MARIA HELENA SILVA COSTA SLEUTJES**

A universidade deve ser capaz de manter-se permanentemente no contexto dos desafios, das mudanças e de suas convicções.

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Funções da universidade; 3. Situando apenas o ensino; 4. Situando apenas a pesquisa; 5. Situando apenas a extensão; 6. Considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: universidade; ensino superior; pesquisa universitária; extensão universitária.

Este artigo conceitua ensino, pesquisa e extensão como funções pelas quais a missão da universidade se realiza, enfatizando que estas funções fazem parte da dialética que caracteriza uma universidade viva. Realça a necessidade de continuar insistindo na importância deste tripé para a sustentação da universidade, sendo a busca da sincronização entre essas funções o grande desafio da universidade hoje em dia, em virtude da alteração de muitos valores na pós-modernidade, entre os quais os que questionam a importância da universidade da pesquisa.

Reflecting on the universities' three pillars: teaching-research-extension

This paper presents the concepts of teaching, research, and extension as functions through which the university realizes itself. It emphasizes that those functions are part of the dialectics that characterizes a lively univer-

* Artigo recebido em abr. e aceito em maio 1999.

** Mestre em administração pública pela EBAP/FGV, especialista em instituições de ensino superior pela PUC-MG e assessora do reitor da UFRRJ.

sity. It stresses the need for insisting on the relevance of this tripod to sustain the university. The search for synchronization of these three functions is the university's current great challenge, due to the changes on many post-modern values, among which those questioning the importance of the research university.

1. Introdução

Todas as transformações que estão ocorrendo devem levar a refletir sobre o papel das universidades no mundo contemporâneo para que não se perca, através da distorção de valores que está ocorrendo na pós-modernidade, uma das mais interessantes formas de adquirir conhecimento: a universidade da pesquisa.

A universidade da pesquisa é uma feição do ensino superior que consagrou o grande desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, da tecnologia e que tem sua origem na Fundação da Universidade de Bolonha, há aproximadamente mil anos. Sua característica essencial é ser detentora do saber, além de guardiã do conhecimento, formadora das elites dirigentes, motor propulsor da história, da ciência e, depois, da tecnologia, encontrando-se agora em fase de desorientação quanto à sua verdadeira missão.

A universidade, tal como a concebemos hoje, é uma instituição recentíssima que já passou por inúmeras transformações. Foi pensada como a universidade da consciência, aquela que Ortega y Gasset¹ e Humboldt² consideravam ter como missão principal formar a consciência humana. Foi pensada também como a universidade do trabalho, sob inspiração americana, principalmente após os anos 50, e hoje tudo indica que estamos caminhando para um modelo que tem a ver com a cidadania, os direitos do homem e a grande necessidade de realizar justiça e equidade.

Diante dos contornos da pós-modernidade e da conseqüente fragmentação de valores, as transformações que estão ocorrendo na sociedade humana provocam mudanças consideráveis em todos os setores, chegando até a banalizar valores até então importantes. Assim, verificamos que atualmente o termo universidade passou a ser usado indistintamente, e este uso vem-se generalizando, algumas vezes numa tendência de volta à origem destas instituições, outras vezes na tentativa de encontrar uma nova concepção de universidade, descaracterizando a concepção existente.

¹ Escritor e pensador espanhol (1883-1955).

² Filósofo, filólogo e diplomata alemão (1767-1835); foi ministro da Educação, fundador da Universidade de Berlim e seu primeiro reitor.

É um momento de dúvidas e incertezas para as universidades tradicionais, embora essas dúvidas não cheguem a causar grande polêmica e inquietação. Enquanto isso, proliferam novas universidades, sem vinculação com a pesquisa, atuando apenas na área de ensino e cumprindo o papel de atender a uma demanda cada vez maior por educação superior, mas sem o caráter essencial da universidade, que é o de associar o ensino à pesquisa e vice-versa, gerando automaticamente a necessidade de estender o resultado alcançado, normalmente importante para a sociedade. Neste contexto, temos também as empresas, especialmente as multinacionais de grande porte, que começam a criar um instrumento de geração de conhecimento, um conhecimento que elas denominam corporativo, e a este instrumento dão erroneamente o nome de universidade, contrariando todo o sentido do próprio termo, que tem na universalização do conhecimento sua essência principal.

Tudo isto é indício de que a universidade precisa realizar profundas alterações para melhor se ajustar à sociedade contemporânea e a suas necessidades. Porém, é preciso refletir criteriosamente sobre esta necessidade de mudanças, que é premente e primordial, mas, em hipótese alguma, pode-se abrir mão dos valores essenciais destas instituições.

Este artigo, portanto, tem a preocupação de refletir sobre o ensino, a pesquisa e a extensão, tendo-os como valores essenciais para que a universidade de fato seja preservada. Aquela universidade que nunca deixará de ser um lugar de excelência e que, conforme Alves (citado por Sleutjes, 1997), “no dia em que se massificar, deixará de existir”. Portanto, preservar os espaços para a excelência e suas complexidades é a primeira condição de seu existir; a segunda é o resgate de valores que começam a ficar adormecidos, tais como a sincronização e os ajustes necessários ao ideal de vincular ensino, pesquisa e extensão.

2. Funções da universidade

Ao aceitarmos que a missão das universidades, em um sentido mais amplo, possa ser a de transformar a sociedade através do conhecimento do potencial humano (Ospina, 1990), podemos considerar ensino-pesquisa-extensão funções pelas quais a missão se realiza.

Segundo Ospina (1990), “as funções seriam formar ou ensinar, investigar ou pesquisar e servir ou exercer a atividade de extensão”. A partir desta premissa, podemos entender que o ensino universitário engloba não só a transmissão do conhecimento em sala de aula, mas a pesquisa, que pode ser pura ou aplicada, e a objetivação da pesquisa aplicada, através da extensão.

Estas três atividades na verdade fazem parte da dialética que caracteriza uma universidade viva e é por isso que a discussão em torno desta indissociabilidade não se esgota e faz com que muitos educadores trabalhem arduamente na sustentação deste tripé ou na sustentação da idéia deste tripé.

Esta sincronização tem sido muito discutida e pouco objetivada na realidade da maioria das universidades brasileiras. Ultimamente, tem sido quase que empurrada para fora das discussões sobre a crise das universidades, em virtude de preocupações mais prementes com a questão do financiamento dessas instituições. Entretanto, a necessidade de ajuste dessa sincronização não pode ser esquecida e, neste contexto, se transforma em opção estratégica importante na busca de solução eficaz para o ensino universitário, estando muito longe de significar um ideal inatingível e, portanto, uma questão superada.

Sleutjes (1997) afirma que “na realidade, os três fatores se encontram dissociados na maioria das universidades federais brasileiras. Quando o tripé funciona, funciona apenas em algumas áreas, embora o trabalho de pesquisa desenvolvido pelas Ifes possa ser considerado significativo”.

Por falta de pesquisas nesta área, conhece-se pouco sobre o grau de correlação *ensino-pesquisa*, *ensino-extensão*, *pesquisa-extensão* e *pesquisa-ensino-extensão*, mas é fácil constatar que as atividades de extensão quase sempre se restringem a uma atividade sociocultural, mantida muitas vezes a título de obrigação, que não estende os conhecimentos gerados e formulados nessas universidades, mas funciona como atividade extracurricular para os discentes ou como uma pequena amostra que visa a atender aos interesses populacionais circunvizinhos, mesmo que estes nada tenham a ver com o que se desenvolve de fato na instituição.

Evidentemente, não é fácil realizar esta articulação, pois ela exige, sobretudo, equilíbrio e estabilidade, num período da história onde o homem está quase sendo vencido pelo sentido de fragmentação contido na pós-modernidade, onde todas as coisas ficam meio soltas, meio estanques, ao sabor de toda a sorte de mudanças.

A universidade, pela busca de conhecimento que deve realizar constantemente e que abrange quase todas as áreas do saber, sente com mais intensidade este reflexo e os apelos da pós-modernidade, através do aumento significativo de áreas de interesse. Esses interesses não são mais apenas científicos e tecnológicos; aliam-se ao fantástico desenvolvimento da teleinformática e ao conseqüente aumento de informação disponível no mundo, que conduzem o pensamento universitário a se distanciar da estabilidade necessária ao equilíbrio do tripé.

É difícil para a maioria pensar a universidade em seu sentido maior de universalidade pós-moderna, equilibrando de forma adequada essas atividades e fazendo a perfeita sincronização dessas funções.

É difícil buscar a articulação entre o valor do ensino, a dosagem entre a pesquisa pura e a aplicada, os compromissos necessários à livre investigação e seu planejamento — por mínimo que seja — e a adoção de meios ou de uma sistemática mais eficiente para que o conhecimento gerado possa ser aquele

que interessa à nossa sociedade. Mas este deveria ser o grande desafio das universidades, para que pudessem preservar sua essência.

É mais fácil pensar a universidade, como muitos vêm fazendo, como reprodutora de um conhecimento pronto e acabado, que permita aos nossos jovens uma inserção qualquer na sociedade. Talvez por aí se explique a proliferação de universidades que atendem aos anseios imediatos da pós-modernidade, feição que passará a existir consistentemente, onde o sistema de avaliação e de credenciamento de cursos terá um papel extremamente importante.

A grande questão da universidade neste momento é definir que tipo de ensino de terceiro grau irá abraçar, pois o enfoque está mudando rapidamente. Tudo indica que no futuro existirão dois tipos de terceiro grau: o universitário e o profissionalizante, devendo o universitário se restringir apenas às universidades que já podem ser consideradas, hoje, no Brasil, centros de excelência, com estrutura para desenvolver pesquisa de forma significativa para o país. Tudo indica, também, que estes estudos serão mais prolongados e desenvolvidos por pessoas com condições de se dedicarem inteiramente ao estudo e à pesquisa. Se assim for, no futuro, cursar uma universidade de pesquisa será um grande privilégio.

Souza (1996:31) afirma que “a partir da autonomia, cada instituição deverá repensar-se, redefinir seu caráter e sua vocação. Algumas procurarão uma maior vinculação regional, orientando para essa direção suas pesquisas e seus cursos; outras procurarão enfatizar o ensino de graduação; outras assumirão mais claramente o seu papel de líderes do sistema, desenvolvendo pesquisas em áreas de ponta de interesse nacional”.

No entanto, nada disso exclui a necessidade de buscar a articulação *ensino-pesquisa-extensão* que pode ser realizada em áreas específicas do conhecimento, não pela universidade como um todo, mas por grupos de trabalho que ensinam, pesquisam e disseminam conhecimentos e que devem-se organizar para exercer esta articulação da forma que lhes for mais conveniente. O importante é que os resultados alcançados sejam significativos para a área, a instituição e, conseqüentemente, para a sociedade.

Estimular esta atitude docente significa dar vida à universidade, provocando, em alguns de seus pontos, o *feedback* constante tão necessário ao sentido de transformação que encerra a essência do fazer universitário, por menor que seja o grupo.

Ensino, pesquisa e extensão se iniciam naturalmente na atividade dos docentes verdadeiramente vocacionados e devidamente apoiados para exercerem sua opção de vida e trabalho. Neste caso, é importante que os dirigentes possibilitem que grupos já existentes se organizem, ultrapassem o caos da desesperança e construam pequenas ilhas de competência, que, juntas, se transformarão na universidade da pesquisa.

É também viável que os dirigentes universitários se sensibilizem para proporcionar aos grupos emergentes as condições necessárias ao seu crescimento, quando o potencial realmente existe. É possível começar o grande através da construção do que é pequeno e, sobretudo, é primordial discutir em conjunto, com os docentes interessados, qual é a estrutura mais adequada e possível de ser construída, para que esta articulação de fato exista e funcione.

Caso não haja condições para direcionar a universidade para a excelência em nenhuma área de pesquisa já existente, por falta de tradição de pesquisa, ou de qualificação de pessoal, ou, ainda, de recursos financeiros e estrutura física para realizar boas investigações, a saída vai ser investir na qualidade e no número de cursos a oferecer, com currículos mais enxutos e, portanto, de menor duração, capazes de atender à demanda da população por um nível melhor de qualificação profissional. Esta expansão deverá ocorrer no sentido de compatibilizar os interesses do mercado de trabalho futuro com os interesses da sociedade.

Mas, qualquer que seja a direção a ser tomada, refletir sobre o ensino, a pesquisa e a extensão é um excelente exercício de maturidade intelectual para as universidades.

3. Situando apenas o ensino

No que se refere ao ensino, a universidade brasileira nunca precisou tanto como agora de profissionais críticos e conscientes, que reflitam, planejem, discutam e, sobretudo, não procedam como meros repassadores de conteúdos e conhecimentos, tornando-se, tanto quanto possível, construtores do conhecimento.

Segundo Sartori (1996), os fatores que contribuem para que o professor mais se aproxime do ideal de um educador são:

- ▼ gostar do que faz;
- ▼ estar comprometido com sua atividade;
- ▼ possuir responsabilidade que se manifesta através de conhecimento ético;
- ▼ ter consciência acerca da possibilidade de mudança e do aperfeiçoamento das pessoas e instituições;
- ▼ ter competência para formar para a vida e dar conta de novos desafios dentro do contexto de educação permanente;
- ▼ ter formação continuada;
- ▼ manter-se atualizado;
- ▼ participar de eventos educacionais.

É preciso também que as universidades aprendam a selecionar profissionais verdadeiramente vocacionados para o magistério. Além disso, é fundamental analisar e acompanhar a prática docente, procurando conhecer de que forma cada professor realiza sua atualização e aperfeiçoamento e quais são os meios de que dispõe na instituição para tal. Possibilitar o aperfeiçoamento do professor universitário nada mais é que investir corretamente na qualidade da universidade.

Podemos afirmar, sem temor, que o ensino ministrado nas Ifes³ brasileiras é de boa qualidade, mas não resta a menor dúvida de que ainda é feito de forma tradicional ou pouco condizente com as necessidades de mudanças das sociedades contemporâneas e do próprio homem, que continua adquirindo conhecimento de forma pouco relacionada com sua realidade.

Ainda aprisionado por padrões centenários, o ensino necessita urgentemente ser reformulado. Desta forma, pensamos que o ensino a ser ministrado hoje nas universidades é aquele que compromete o homem com o meio em que vive, para que se eleve o nível de reflexão crítica da realidade. Assim, os agentes deste ensino serão capazes de refletir sobre a condição de sujeito e agente de seus contextos sócio-histórico-culturais.

Saviani (1986) já dizia que “o ensino que não levar em consideração o meio social e histórico do homem e, ao mesmo tempo, a contribuição do conhecimento científico, tem poucas condições de eficácia e certamente se tornará uma forma de alienação”.

Conforme Kourganoff (1990), “o ensino-educação pode ser caracterizado pelos quatro seguintes aspectos:

- ▼ formação do juízo (onde a educação mais se aproxima da instrução);
- ▼ formação da arte de aprender sem instrutor;
- ▼ formação do comportamento e do caráter (no nível universitário trata-se de ensinar ao estudante a se adaptar ao trabalho de equipe);
- ▼ formação de motivações;
- ▼ despertar do sentido de investigação”.

A questão do ensino interessa diretamente à sociedade e, como bem colocou Sartori (1996), “a sociedade está carente de condições mínimas para que seus integrantes possam ter uma vida digna; de um lado faltam condições materiais e, de outro, falta postura ética”.

O ensino continua sendo o maior e o melhor meio de transformar a sociedade, e o professor deve ter consciência de que é o artífice da transforma-

³ Instituições federais de ensino superior.

ção sócio-político-educacional das sociedades futuras, mas isto só não basta: é preciso dar a ele uma condição mais digna. A própria Capes⁴ reconhece a necessidade de implantação de uma política nacional de recuperação da dignidade da universidade, passando necessariamente pela questão salarial e por uma carreira docente que valorize a titulação e a produção acadêmica (*Infocapes*, 1996), mas é preciso que o governo e a sociedade se alertem para a necessidade de ações mais concretas que criem esta condição.

4. Situando apenas a pesquisa

Pode-se dizer que a pesquisa é um produto natural do amadurecimento do ensino. É o aprofundamento do conhecimento já existente, nascido da busca por soluções, da busca pelo novo, do gosto pela investigação, pela descoberta. Em síntese, a pesquisa é, na verdade, um excelente exercício de maturidade científico-sociocultural.

Não é possível refletir sobre a pesquisa sem compreender que ela foi concebida a partir da idéia da ciência como modelo de realidade, construído de forma metodológica para explicar o mundo. Este conceito, embora tenha-se ampliado um pouco, concentra toda a arte de realizar uma investigação científica de fato. É preciso, no entanto, entender que a ciência, por sua vez, desorienta-se seguidamente, e, quando isto ocorre, quando os cientistas não podem mais se esquivar das anomalias que subvertem a tradição já existente na prática científica, iniciam-se as investigações chamadas por Kuhn (1992) de extraordinárias, que finalmente conduzem a um novo conjunto de compromissos e a uma nova base para a prática da ciência. É a atualmente denominada mudança de paradigma, isto sem esquecer de dizer que a ciência não é mais a única verdade, o que significou uma das maiores mudanças de paradigma de nossa história.

Pesquisar significa, efetivamente, participar de um universo qualitativa e constantemente transformado e quantitativamente enriquecido pelos novos conhecimentos que se vão somando ao longo desse processo. Portanto, a pesquisa é a atividade que dá sustentação ao ensino universitário, o que significa dizer, literalmente, que não existe universidade sem pesquisa.

A pesquisa pode ser pura ou aplicada. A pesquisa pura ou básica pode ser entendida de duas formas: aquela que constitui a base do saber em todas as áreas do conhecimento humano e aquela que resulta da atividade do professor que se recicla.

A pesquisa pura como base do saber é essencial para que o conhecimento científico avance e não pode ser planejada de forma a cercear a liber-

⁴ Fundação Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

dade do cientista-pesquisador, que precisa de espaço para se aprofundar nas investigações que desenvolve, mesmo que não saiba ou possa precisar os resultados a serem alcançados.

Evidentemente, a ciência normal não se propõe a descobrir novidades. Kuhn (1992), descrevendo este processo, diz: "inicialmente experimentamos somente o que é habitual e previsto, mesmo em circunstâncias nas quais mais tarde se observará uma anomalia. Contudo, uma maior familiaridade dá origem à consciência de uma anomalia ou permite relacionar o fato a algo que anteriormente não ocorreu conforme o previsto. Essa consciência da anomalia inaugura um período no qual as categorias conceituais são adaptadas até que o que inicialmente era considerado anômalo se converte no previsto. Nesse momento completa-se a descoberta".

Trata-se, portanto, de um processo longo e caro, que pode levar dezenas de anos para gerar resultados importantes ou não e pode também, de repente, surpreender a todos com uma descoberta extraordinária.

A pesquisa pura como atividade do professor que se recicla é também conhecida como pesquisa bibliográfica e exige levantamentos bibliográficos constantes e periódicos da literatura da área de especialidade para que o professor se mantenha atualizado. Isto significa que em qualquer área do conhecimento há necessidade de realização de pesquisa básica, que cumpre o objetivo de atualizar o conhecimento profissional. Este tipo de pesquisa é fundamental para a manutenção de um bom processo de ensino-aprendizagem.

Já a pesquisa aplicada se refere à aplicação de um conhecimento que pode não representar necessariamente uma descoberta, mas que certamente poderá significar uma diferença quando introduzido na realidade. Isto significa que a pesquisa aplicada pode e deve ser planejada de forma a atender aos anseios da sociedade, criando maiores vínculos entre a teoria e a realidade.

No caso das universidades federais brasileiras, é urgente a elaboração de um planejamento que adapte o esforço de pesquisa já existente às necessidades da realidade, e que, no mínimo, realize a tão sonhada geração de tecnologias apropriadas ao nosso contexto sociocultural.

A pesquisa científica é, portanto, uma atividade cara, que requer condições especiais para que possa se desenvolver e dar frutos. Laboratórios, bibliotecas, equipamentos específicos e pessoas com vontade e tempo para se dedicarem às investigações que realizam são os insumos básicos para o desenvolvimento desta atividade.

Mesmo a pesquisa aplicada, por mais que seja racionalizada e direcionada, vai exigir grande investimento de tempo e recursos humanos e financeiros. Mais que nunca, principalmente em consequência do advento da globalização da economia, a pesquisa será determinante do nível de desenvolvimento científico e tecnológico e se tornará cada vez mais essencial para vencer o atraso, a obsolescência, a submissão e a pobreza humilhante a que

estão submetidos muitos povos e sociedades. Por isso mesmo, será extremamente importante.

Conforme Martins Filho (1997), “o primeiro compromisso da pesquisa universitária é com a geração de conhecimento novo e com a transmissão desse conhecimento às salas de aula, o que só é possível com a detenção de saber próprio e a qualificação científica progressiva de seus professores”.

A produção de conhecimento é extremamente relevante na pós-modernidade e possui uma dimensão mais forte, mais abrangente, que deve ser entendida pela universidade contemporânea, especialmente nos países em desenvolvimento, que possuem a espinhosa tarefa de adequar cada vez mais suas pesquisas às transformações científicas e tecnológicas, para que possam influenciar de alguma forma a economia mundial e a vida cotidiana das pessoas. Infelizmente, a diminuição sistemática do fomento à pesquisa nos países semi-industrializados é uma ação perversa e desastrosa, pois o correto seria aumentar, jamais diminuir.

No Brasil, segundo Guareschi (1987), “foram feitos investimentos de vulto em pesquisa, em face da imposição da lei e também por decisões governamentais, como os incentivos das agências de fomento, como a implantação de centros de pós-graduação, de laboratórios de pesquisa, de recrutamento de pesquisadores em tempo integral. Os resultados alcançados é que algumas universidades se transformaram hoje em centros de excelência em pesquisa mas existem outros problemas como o despreparo de um grande número de professores convocados à pesquisa, quase à força, ou a implantação de cursos de mestrado de forma prematura, que mostram que houve experiências não bem-sucedidas ou fracassadas”.

Todas estas verdades e particularidades ajudam a examinar com mais clareza a situação das universidades brasileiras e, sem dúvida, muitas são as questões a serem respondidas. Entre elas, duas precisam de respostas imediatas:

- ▼ Que linhas de pesquisa precisam ser apoiadas consistentemente para transformar a instituição em centro de excelência com destaque regional, nacional ou mundial?
- ▼ Que linhas de pesquisa poderão ser desenvolvidas de forma rápida e eficaz, capazes de fazer diferença e merecer destaque e apoio no cenário regional, nacional ou mundial?

5. Situando apenas a extensão

Freire (1988), tentando definir o sentido da expressão “extensão universitária”, afirmou que extensão universitária significa *educar e educar-se na práti-*

ca da liberdade. Explicando melhor este pensamento, ele afirma que “educar e educar-se na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem — por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais — em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que poucos sabem, possam igualmente saber mais”.

A extensão universitária seria, portanto, a atividade que, vinculada ao ensino e à pesquisa, disseminaria os conhecimentos gerados pela universidade, repassando-os à sociedade. Evidentemente, os conhecimentos ou técnicas a serem disseminados precisam representar uma diferença significativa na vida das pessoas ou de parte da sociedade para que haja interesse genuíno em sua transferência.

A falta de extensão eficiente nas universidades federais brasileiras pode ser considerada como causadora dos inúmeros transtornos que as conduziram a um distanciamento da sociedade. Segundo Durham (1996), “a extensão constitui a área mais heterogênea e diversificada das universidades. É também aquela para a qual não foram desenvolvidos ainda instrumentos adequados de avaliação, nem no Brasil nem no exterior”.

Outra questão polêmica com relação à extensão universitária é a da prestação de serviços, tão fortemente rejeitada pela cultura acadêmica clássica. Certamente, sempre que possível, é melhor que a universidade faça extensão propriamente dita em lugar da prestação de serviços. Mas é interessante tentar responder às seguintes questões:

- ▼ Que mal existe em prestar serviço de qualidade quando isto realmente contribuir para o aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa?
- ▼ Não seria esta prestação de serviços uma forma de estender os conhecimentos gerados na universidade?

O que não se pode fazer é inverter o sentido do serviço prestado, fazendo com que se torne um fim em si mesmo, uma forma apenas de gerar recursos e nada mais.

Conforme Moraes (1995), a interface com o setor produtivo deve ser feita através de dois requisitos absolutamente indispensáveis: “tem que haver pesquisa, tem que envolver estudantes para que não seja um mero balcão de vendas, que não leva a nada, pois, mesmo que renda dinheiro, não leva a nada”.

A atividade de extensão é chave para resolver o maior problema das universidades brasileiras: o relacionamento da universidade com a sociedade. Basta apenas que os dirigentes universitários se conscientizem disto com ações que permitam ao grupo que realiza extensão crescer em número, em criatividade e em coragem para fazer educação fora dos padrões rotineiros. Assim, estas instituições colocarão pelo menos um pé no século XXI, saindo

de seus muros de forma clara e irreversível. Para isso, as pró-reitorias de extensão têm de ganhar espaço e crescer, em poucos anos, tudo o que não cresceram no passado.

6. Considerações finais

Na relação ensino-pesquisa-extensão reside a própria essência do fazer universitário. No momento em que se dissociar o ensino da pesquisa e da extensão, a universidade estará fragilizada, pois o ensino e a pesquisa são elementos que, quando intimamente relacionados, aumentam de forma concreta a produção de conhecimento.

Esta correta articulação permitiu a países como a Alemanha, Inglaterra e EUA o grande desenvolvimento científico e tecnológico de que são detentores. No momento em que os governos vêm diminuindo a ação credenciadora de ensino superior e aumentando a ação avaliadora, as saídas e as respostas para a universidade na pós-modernidade não se limitam a mudanças superficiais, mas a transformações profundas que afetam a própria natureza destas instituições, seu relacionamento com a sociedade e o papel de todos os seus agentes. E, mais ainda, a universidade deve estar consciente da necessidade de não abrir mão de sua tripla função de produzir conhecimentos através da pesquisa, formar profissionais através do ensino e atuar de forma cidadã através da extensão, para colaborar efetivamente com a sociedade que a sustenta, ajudando a minorar a pobreza e a violência que degradam o mundo.

Referências bibliográficas

- Durham, E. Subsídios para discussão da avaliação do ensino superior. *Infocapes*. Brasília, 4(4), 1996.
- Freire, P. *Extensão ou comunicação?* 10 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- Guareschi, E. A. A indissociabilidade do ensino e da pesquisa. In: Reunião Plenária do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 45. *Anais*. Brasília, Crub, 1987.
- Infocapes*. Brasília, 4(4), 1996.
- Kourganoff, W. *A face oculta da universidade*. São Paulo, Unesp, 1990.
- Kuhn, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- Martins Filho, J. *Em defesa das universidades*. Brasília, Crub, 1997.
- Moraes, F. F. de. A função acadêmica e científica da universidade num contexto de mudanças. In: *Gestão da universidade brasileira*. Piracicaba, Unimep, 1995. p. 133-45.

- Ospina, G. L. Definição de uma agenda para o ensino superior nos anos 90. In: Crub. *Universidade, Estado e sociedade na década de 90*. Brasília, 1990.
- Sartori, J. Avaliando a construção da atitude científica do educador. *Ensaio*. Brasília, 4(10):39-50, 1996.
- Saviani, D. *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo, Cortez, 1986.
- Sleutjes, M. H. S. C. Uma avaliação estratégica da situação de crise e mudança das universidades federais brasileiras. Rio de Janeiro, EBAP/FGV, 1997. (Dissertação de Mestrado.)
- Souza, P. R. Por uma nova universidade. *Infocapes*. Brasília, 4(4), 1996.